

MADAME LÊHNIN

Personagens:

Voz da Vista. Voz do Ouvido. Voz da Razão. Voz da Atenção. Voz da Memória. Voz do Medo. Voz do Tato. Voz da Vontade.

Tempo da ação: dois dias da vida de Mme Lêhnin separados por uma semana.

Ao crepúsculo. A ação se desenrola diante de uma parede nua.

ATO I

Voz da Vista: A chuva acabou de parar e gotas do eflúvio perolizam nas extremidades curvadas do jardim crepuscular.

Voz do Ouvido: Tudo é só silêncio. Ouve-se abrir a portinhola. Alguém avança pelas alamedas do jardim.

Voz da Razão: Aonde irá?

Voz da Reflexão: Neste lugar só uma direção é possível.

Voz da Vista: Alguém fez as aves levantarem vôo.

Voz da Reflexão: Foi o mesmo que abriu a porta.

Voz do Ouvido: O ar está repleto de silvos de pavor, um rumor de passos moderados.

Voz da Vista: É isso mesmo: com sua marcha lenta ele se aproxima.

Voz da Memória: O doutor Loos. Foi ele mesmo quem veio, há algum tempo.

Voz da Vista: Ele está todo vestido de negro. Seu chapéu rebaixado sobre os olhos azuis que riem. Hoje como ontem seus bigodes ruivos apontam os seus olhos, e sua feição é corada, cheia de segurança. Ele sorri como se seus lábios dissessem alguma coisa.

Voz do Ouvido: Ele diz: "Bom dia, Mme Lêhnin". E ainda: "Você não acha que hoje faz um tempo esplêndido?"

Voz da Vista: Seus lábios têm um sorriso certo. Seu semblante está atento a uma resposta. Seu semblante toma um ar severo. Seu semblante e sua boca tomam uma expressão risível.

Voz da Razão: Seu semblante finge desculpar esse silêncio, mas eu não responderia.

Voz da Vista: Seus lábios tomam uma expressão furtiva.

Voz do Ouvido: Ele pergunta de novo: "Como vai a saúde?"

Voz da Razão: Respondi-lhe: "Muito bem".

Voz da Vista: A alegria lhe faz tremer as sobranceiras. Sua testa está enrugada.

Voz do Ouvido: Ele diz: "Eu espero..."

Voz da Razão: Não escute o que ele diz. Ele se despedirá muito em breve. Irá embora.

Voz do Ouvido: Ele continua a falar.

Voz da Vista: Seus lábios não param de mexer. Seu olhar é doce, implorante e respeitoso.

Voz da Suputação: Ele deve dizer algo importante.

Voz da Razão: Que fale se lhe apraz. Não receberá resposta nenhuma.

Voz da Vontade: Não receberá resposta nenhuma.

Voz da Vista: Ele está surpreso. Tem um movimento de mão. Um movimento tímido.

Voz da Razão: É absolutamente necessário lhe estender a mão. Que ritual insuportável.

Voz da Vista: Seu melão negro plana no ar, se soergueu e repousou nos cachos louros. Ele virou a massa negra de seus ombros quadrados sobre os quais a escova esqueceu uma penugem branca. Ele se afasta.

Voz da Alegria: Enfim.

Voz da Vista: Ele se perfilou atrás das árvores, tomando-se sombrio.

Voz do Ouvido: Ouço seus passos ao fundo do jardim.

Voz da Razão: Ele não voltará aqui.

Voz do Ouvido: A portinhola travou.

Voz da Razão: O banco está úmido, fresco e tudo está calmo depois da chuva. Esse homem partiu e a vida recomeça.

Voz da Vista: Jardim úmido. Alguém riscou um círculo. Traços de pés. Terra molhada, folhas molhadas.

Voz da Razão: Aqui se sofre. O mal existe, mas não o combatemos.

Voz da Consciência: O pensamento vencerá. Solidão, és a companheira do pensamento. É preciso fugir dos humanos.

Voz da Vista: Pousaram os pombos. Voaram os pombos.

Voz do Ouvido: A porta se abriu de novo.

Voz da Vontade: Eu me calo, eu fujo dos outros.

ATO II

Voz do Tato: As mãos tremeram e os dedos encontraram o nó frio da camisa. Minhas mãos estão aprisionadas, meus pés estão nus e sentem o frio das lajes desse chão.

Voz do Ouvido: Que silêncio. Eu estou aqui.

Voz da Vista: Círculos azuis e vermelhos. Eles giram, mudam de lugar. É noite. Um candieiro.

Voz do Ouvido : Passos de novo. Um passo, um outro. São sonoros, porque ao redor, está o silêncio.

Voz do Medo: O que foi isso?

Voz da Atenção: Eles iam por ali. Mudaram de direção. Ele vêm por aqui.

Voz da Razão: Se vêm por aqui, só pode ser atrás de mim. Eles vêm me ver.

Voz do Ouvido: Eles pararam. Tudo está silencioso.

Voz do Pavor: A porta logo vai se abrir.

Voz do Ouvido: A chave tilinta.

Voz do Medo: A chave gira.

Voz da Razão: Ei-los.

Voz da Consciência: Tenho medo.

Voz da Vontade: Seja quem for, a palavra não será pronunciada. Não.

Voz da Vista: A porta se abriu completamente.

Voz dos Ouvidos: Eis o que dizem: "Madame doente, queira ser transferida. É a ordem do Senhor Doutor".

Voz da Vontade: Não.

Voz da Consciência: Vou me calar.

Voz da Vista: Estão todos em derredor.

Voz do Tato: Uma mão foi posta sobre o ombro.

Voz da Lembrança: ... outrora branco.

Voz do Tato: O solo recebe meus cabelos.

Voz da Lembrança: ... negros e longos.

Voz do Ouvido: Eles dizem: "Apoiem a cabeça, peguemo-na pelos ombros! Pronto! Vamos embora!"

Voz da Consciência: Eles a levam. Tudo pereceu. É o mal universal.

Voz do Ouvido: Ouve-se uma voz: "A doente nunca foi transferida? - Absolutamente não".

Voz da Consciência: Tudo está morto. Tudo morre.

(Peça escrita entre 1909 e 1912, e publicada em 1913 no manifesto futurista *A Lua Arrombada*)